A AUTORA

Maria Ignês Carlos Magno
Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP.
Professora do curso de Pedagogia no Centro Universitário Salesiano de São Paulo e da Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: unsig@globo.com

PREPARAÇÃO PARA MUDANÇAS

Boaventura de Souza Santos, em seu livro *A crítica da razão indolente*, escreve: "há um desassossego no ar. Temos a sensação de estar na orla do tempo, entre um presente quase a terminar e um futuro que ainda não nasceu"[1]. Fruto de uma vivência paradoxal entre os excessos de determinismos e de indeterminismos, a coexistência desses excessos confere ao nosso tempo um perfil especial, o tempo caótico no qual a ordem e a desordem se misturam em combinações turbulentas e os excessos se polarizam e se tocam, explica-nos o autor. No entanto, continua, não é o calendário que nos empurra na orla do tempo, e sim a desorientação dos mapas cognitivos, interacionais e societais em que até agora confiamos. Vivemos, segundo Boaventura, numa sociedade *intervalar*, uma sociedade de transição paradigmática, entre o paradigma sociocultural da modernidade ocidental e o paradigma emergente.

Considerando as análises do autor, é possível visualizar e começar a compreender todos os imperativos que as mudanças vêm causando também ao sistema educacional: a necessidade de revermos todo o quadro institucional e os processos de ensino-aprendizagem em vigência. Detalhando um pouco mais, o que temos é um professor formado (e formador) num modelo de ensino em que a prática educativa se baseava, por exemplo, na transmissão oral dos conhecimentos adquiridos e que hoje é chamado a desenvolver e aplicar novas estratégias de trabalho, bem como é convidado a estar em constante atualização e informação (agora também tecnológica), para enfrentar as atuais e novas exigências histórico-culturais.

Concordando com Antoni Zabala[2] quando diz que a mudança desse modelo de ensino não é possível sem a existência de modelos fundamentados, espaços e tempos para reflexão e a análise da prática, mas, sobretudo, apoios e incentivos aos professores proporcionais aos desafios, gostaria de colaborar, por meio dessa seção, com a discussão em que a escola e os professores se encontram.

1. SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**. Contra o desperdício da experiência. 2a.ed. São Paulo: Cortez, 2000.
2. ZABALA, Antoni. *Entrevista*. **Revista Pátio**. AnoVI, nº 22, jul./ago. 2002.

Pensando na situação do professor nesse caótico intervalo de tempo, proponho a retomada do trecho do texto de Boaventura em que diz que "não é o calendário que nos empurra na orla do tempo, e sim a desorientação dos mapas cognitivos, interacionais e societais em que até agora confiamos"[3], e a afirmação de Antoni Zabala de que "a formação do professor deve ser exercida prioritariamente na Escola, na prática e pela prática da sala de aula"[4], para sugerir alguns filmes que favoreçam ao professor a reflexão sobre esse momento tão importante, delicado e rico da história e da educação. Para essa *Videografia* indicarei, na seqüência: *Hiroshima meu amor*, de Alain Resnais, *O muro*, de Alan Parker, *Sociedade dos poetas mortos*, de Peter Weir, *Escola da desordem*, de Arthur Hiller e *Amistad*, de Steven Spilberg.

Apesar das diferenças temáticas, os filmes se entrelaçam e fornecem interessantes caminhos para reflexões e atividades.

HIROSHIMA MEU AMOR
(Hiroshima mon amour)
Roteiro – Marguerite Duras
Direção – Alain Resnais
Fotografia – Sacha Vierny e
Takahashi Michio
Montagem – Henri Colpi,
Jasmine Chasney e Anne Sarraute
Música – Giovanni Fusco e
Georges Delerue
Duração –112min
Preto e Branco
Ano – 1959
Locadora comercial

O filme é uma história de amor entre uma atriz francesa e um arquiteto japonês tecida por Alain Resnais a partir do roteiro de Marguerite Duras. Ela o chama de Hiroshima e ele a chama de Nevers (nomes de duas cidades) e assim começam a evocar estranhas lembranças e a pensar no futuro como um desdobramento de seu amor.

O MURO (The wall)
Roteiro – Roger Waters
Direção – Alan Parker
Diretor de Animação – Gerald Scarfe
Músicas – Roger Waters, David
Gilmour e James Guthrie
Duração – 95min
Colorido
Ano – 1982
Locadora comercial

O filme conta a história do superstar do *rock*, Pink. Pink já fez *shows* demais, dopou-se demais e recebeu aplausos demais. Em algum lugar de Los Angeles ele permanece trancado em um quarto de hotel enlouquecendo lentamente. Concebido e escrito por Roger Waters, *The wall* tem cenas de animação brilhantes de Gerald Scarfe.

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS
(Dead poets society)
Roteiro – Tom Schulman
Direção – Peter Weir
Música – Maurice Jarre
Fotografia – John Seale
Duração – 129min
Colorido
Ano – 1989
Locadora comercial

3. SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica**... *op. cit.*
4. ZABALA, Antoni. *Entrevista.* **Revista Pátio**, Ano VI, nº 22, jul./ago. 2002

Peter Weir provocou no mundo todo um forte impacto nas relações entre pais e filhos, entre professores e alunos. O filme narra a história do professor John Keating num colégio bastante conservador. Seus métodos de ensinar eram modernos demais para aquela realidade escolar. Por essa razão acaba despertando um novo questionamento nos alunos, uma nova forma de vida. *Carpe Diem* rapazes: aproveitem o dia. Façam de suas vidas algo extraordinário. Com essas palavras, ele instiga os jovens a viverem cada minuto de suas vidas intensamente.

ESCOLA DA DESORDEM (Teachers)
Roteiro – W. R. Mckinney
Direção – Arthur Hiller
Fotografia – David M. Walsh
Duração – 107min
Colorido
Ano – 1984
Locadora

A John Fitzgerald Kennedy é uma escola em que os alunos são bagunceiros, dormem durante as aulas, cabulam às segundas-feiras, fazem guerra de papel, entre outras coisas. Depois de muitos anos de balbúrdia, a escola vai ser processada porque graduou um aluno que não sabia ler e escrever. A história é também a luta dos professores e alunos para tentar reverter o quadro e a situação a que ela chegou.

AMISTAD
Roteiro –David Franzoni
Direção – Steven Spielberg
Fotografia – Janusz Kaminski
Montagem – Michael Kahn
Música – John Williams
Duração – 154min
Ano – 1998
Colorido
Locadora comercial

Amistad foi escrito a partir de uma história real e conta a viagem de escravos africanos que se apoderam do navio onde estavam aprisionados e tentam retornar à sua terra natal. Quando o navio é capturado, os cativos são levados aos Estados Unidos, acusados de assassinato e aguardam a sentença na prisão. Inicia-se uma batalha que chama a atenção de todo o país, questionando a própria finalidade do sistema judicial americano. Mas para aqueles homens e mulheres sob julgamento, é uma luta pelo direito maior do ser humano: a liberdade.

TAREFA PARA TODOS

Considerado um dos mais belos filmes de todos os tempos, *Hiroshima meu amor* pode ser referência para o professor começar a se situar na mudança de paradigma e do tempo intervalar de que fala Boaventura. *O muro* e *Sociedade dos poetas mortos* possibilitam aos professores pensarem e discutirem modelos de escola, de professores e relacionamentos que estabelecemos com o conhecimento e, essencialmente, com os alunos. Já o filme *Escola da desordem*, o mais comercial de todos, trata de alguns temas que estão em pauta nos dias de hoje: o descaso com a educação, a formação de analfabetos funcionais e a inclusão. *Amistad* foi pensado como ponte entre as propostas que farei aos professores e uma sugestão de trabalho integrado.

A escolha desses filmes não se deu ao acaso, os três primeiros tratam do pe-

ríodo pós-guerra, mais especificamente a década de 1950. Década em que, no entender do historiador Vírgilio Noya Pinto[5], teve início o século XX. Período em que as mudanças começam a ser sentidas em muitos aspectos sociais e culturais, um deles a Escola.

Acreditando que nosso espaço de trabalho nos organiza e que só a partir da compreensão da situação real da instituição escolar, dos professores e dos alunos podemos transcender e recriar a realidade, que o conhecimento é um processo que pode e deve ser partilhado entre os pares, proponho que os filmes sejam vistos por todo o corpo docente em reuniões pedagógicas ou em casa e as questões levadas ao grupo e, posteriormente, usados como ponto de partida para *pesquisas* e *seminários* internos.

Como as aulas, as reuniões pedagógicas precisam ser significativas. Esse pode ser um interessante exercício. Daí *Hiroshima* ter sido sugerido em primeiro lugar.

Até a Segunda Grande Guerra, a crença na modernidade e no progresso era indiscutível. Até a destruição de Hiroshima, acreditava-se que a ciência se constituía num pensamento sem dogmas, sem intolerâncias, sem sectarismos. No entanto, Hiroshima nos mostrou que a civilização nascida no Ocidente, que acreditava dirigir-se para o futuro de progresso infinito, movida pelos avanços conjuntos da ciência, da razão, da história, da economia, da democracia, entravam em colapso. Com Hiroshima, segundo Edgard Morin[6], aprendemos, entre outras coisas, que a ciência era ambivalente, vimos a razão retroceder, percebemos que em parte alguma a democracia estava assegurada, que o desenvolvimento industrial podia causar danos à cultura e poluições mortais, que a civilização do bem-estar podia gerar ao mesmo tempo mal-estar. E que a modernidade definida como fé incondicional no progresso, na tecnologia, na ciência, no desenvolvimento econômico estava morta, ou começando a morrer. Hiroshima assustava e passou a exigir de nós uma tomada de consciência, pois cada vez menos o conhecimento era produzido para ser pensado e cada vez mais para ser acumulado, utilizado por uma entidade onipresente e onipotente chamada Estado, tendendo a erigir-se em detentor da verdade sobre a natureza, sobre o homem, sobre a história. E uma nova barbárie se instalava em nossa cultura: o domínio de uma ciência mortífera. Ciência que, ao prolongar a ideologia industrialista em sua paixão para dominar a natureza e os homens, propõe uma visão segundo a qual a máquina artificial precisa, entre outras coisas, converter-se no paradigma universal, explica-nos Hilton Japiassú em seu livro: *A crise da razão e do saber objetivo*[7].

5. PINTO, Virgilio Noya. *História e Imagens. Metamorfoses*. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n. 10, set./dez., 1997. p. 15-23. (N. Ed.)
6. MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo/Brasília-DF: Cortez/Unesco, 2000.
7. JAPIASSÚ, Hilton. **A crise da razão e do saber objetivo**. As Ondas do Irracional. São Paulo: Letras e Letras, 1996.

A partir de toda a primeira parte do filme, em que os amantes discutem o destino de Hiroshima através das trágicas imagens e do belíssimo e triste texto de Marguerite Duras, os professores das Ciências Exatas e Biológicas e de História poderiam iniciar a pesquisa e os seminários. Recuperando histórica e cientificamente a trajetória da humanidade e da ciência desde o século XVII, bem como a transformação dos conceitos de razão, racionalidade, racionalismo e racionalização até a bomba em Hiroshima. Seria uma excelente oportunidade para entender as discussões atuais em torno da razão racionalista e da razão emancipadora. Na seqüência, os professores de Artes poderiam recuperar através de imagens a história do homem e da humanidade desde o século XVII até os dias atuais.

Quanto aos filmes *O muro* e *Sociedade dos poetas mortos*, podem ser vistos nas duas seqüências em que a relação escola, professor, aluno é posta em questão. Sem resistência, mas tentando entender que tanto um como o outro, os filmes tratam do mesmo período (os anos 50), portanto, mostram dois modelos de professores existentes numa mesma época. Como nos dias atuais, são modelos que coexistem numa mesma história, numa mesma escola. Vale a pena contextualizar, se perceber nos modelos e discutir qual o melhor e mais gratificante caminho a seguir. Como *Escola da desordem* mostra aspectos da política escolar, o diretor e os coordenadores pedagógicos da escola poderiam dar um seminário sobre a atual política educacional ou todos poderiam ler artigos variados sobre a educação em geral e realizarem um grande debate sobre os temas lidos, ou sobre dois (dos muitos) problemas específicos da atual política educacional que são: a progressão continuada e a formação do professor. Sugiro, no entanto, que leiam diferentes posições e discutam em profundidade os assuntos. Ou ainda, que os coordenadores ou responsáveis pela área de informática se responsabilizem pelo seminário relativo às novas tecnologias educacionais. Enfim, são muitas as possibilidades de fazer do espaço escolar um espaço de atualização e aprendizado entre os docentes.

Resta agora falar um pouco de *Amistad*. Se recuperarmos os filmes anteriores, podemos perceber que todos tocam direta ou indiretamente no poder das palavras e das imagens na vida dos personagens. *Hiroshima* é um mergulho na história e na memória por meio do texto literário. As imagens do enlouquecimento de Pink em *O muro* são relatadas por meio das palavras cantadas. Em *Sociedade dos poetas mortos* é a própria palavra-poesia o elemento detonador das mudanças. Todos também falam da relação entre memória e esquecimento e na necessidade de não perdermos nossa ancestralidade, nossas origens, nossa humanidade, nossa liberdade. Aqui entra o filme *Amistad*, visto sob a ótica do poder e do significado da palavra como elemento de encontro e reconhecimento do mundo e do outro, como elemento mediador entre o mundo e os homens, como elemento fundamental no processo de liberdade e de libertação. Deixo aqui a sugestão final para os professores de Línguas e Literatura organizarem os seus seminários. Um dos fios condutores pode ser a recuperação dos poetas e dos romancistas do século XX e a leitura que fizeram da história e do homem nesse período.

Resumo: O artigo propõe que professores, coordenadores e direção da escola passem a refletir sobre as mudanças que estão sendo exigidas da instituição escolar com relação à dinâmica ensino-aprendizagem, professor-aluno e às formas de ensinar. Para tanto, propõe que assistam aos filmes: *Hiroshima meu amor*, *O muro*, *Sociedade dos poetas mortos*, *Escola da desordem* e *Amistad* e, a partir deles, realizem seminários pedagógicos e de estudo.

Palavras-chave: cinema, escola, professor, projeto pedagógico

(Preparation for changes)

Abstract: The article proposes that teachers, coordinators and school directors reflect on the changes that are being required of the schooling institution regarding the dynamics of teaching-learning, teacher-student and on teaching approaches. For this, it proposes they watch: *Hiroshima mon amour*, *The wall*, *Dead poets society*, *Teachers* and *Amistad* and, based on them, carry out teaching and study seminars.

Key words: cinema, school, teacher, teaching project